

26/06/2013 - 00:00

Modelo de crescimento carece de uma revisão

Por **Luigi Nese**

A fórmula empregada pelo governo brasileiro para buscar a expansão da economia tem sido a elevação do nível de atividades por meio do crescimento da demanda interna por bens e serviços. A expansão da demanda, por sua vez, vem do aumento do consumo das famílias e da expansão das despesas públicas.

Em 2012, a exemplo do que vem ocorrendo de forma sistemática desde 2006, o emprego cresceu e o salário real se elevou. O número de empregados com carteira atingiu 47,4 milhões na média do ano, registrando a abertura de 1,65 milhões de novos postos de trabalho na comparação com 2011. Isso equivale a um crescimento de 3,6% do número de empregos formais.

O ritmo de crescimento das oportunidades de trabalho superou a expansão da oferta de mão de obra. A consequência foi a redução da taxa de desemprego. Os dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE mostram que a taxa de desemprego aberto caiu de 6,1% da População Economia Ativa (PEA) em 2011 para 5,6% da PEA em 2012. Esse é o menor patamar de desemprego registrado pela pesquisa, o que explica o crescimento de 4,2% do rendimento real médio do trabalho verificado pela pesquisa.

A desoneração se concentrou na indústria, que respondeu por apenas 6,5% dos empregos criados

O salário médio também cresceu de forma considerável. Os dados de arrecadação do FGTS confirmam isso: a massa de contribuição ao fundo, que equivale a aproximadamente 8% da folha de pagamentos da economia, passou de R\$ 72,3 bilhões em 2011 para R\$ 83 bilhões em 2012 - um crescimento de 14,9%. Considerando a expansão de 3,6% no número de postos de trabalho, os dados do FGTS indicam aumento de 10,9% do salário médio dos empregados com carteira. Essa taxa supera o aumento médio dos preços ao consumidor, indicando expansão do salário real médio de 5,2% em 2012.

Nesse processo, o setor de serviços teve papel fundamental. As empresas de prestação de serviços responderam por 50,2% do 1,65 milhão de postos de trabalho com carteira assinada criado em 2012 no país. O segmento de serviços privados não financeiros, que reúne as atividades de prestação de serviços, exceto serviços financeiros e públicos, abriu 606 mil novos postos de trabalho em 2012, mantendo ao longo do ano uma média mensal de 12,2 milhões de empregos.

Apesar desses números, um aspecto preocupa: o grande gerador de empregos no país vale dizer, o setor de serviços privados não financeiros, vem perdendo força. Basta observar que a taxa de crescimento do emprego nesse setor passou do patamar de 7,5% registrado em 2011, para o patamar de 5,2% no ano passado. No último trimestre do ano passado, o crescimento foi de apenas 4,1% em relação a igual período de 2011.

A desaceleração do crescimento do emprego no setor de serviços pode estancar o processo de ampliação da renda das famílias, impondo restrições ao crescimento do consumo e, portanto, da atividade econômica. Sem os novos empregos e salários gerados no setor de serviços, o consumo de bens industriais e as vendas

